



RELIGIÃO E HOMOSSEXUALIDADE: A DISCURSIVIZAÇÃO NO SITE SUPERPRIDE

Fabília Cruz Divino¹
Thiago Alves França²

Os gays, segundo Borrillo (2010), são vítimas da homofobia instaurada na sociedade, que leva à propagação de diversos tipos de violências, como, por exemplo, agressões físicas e mortes, além da violência simbólica muitas vezes disfarçada de legítima opinião. Embora, na contemporaneidade, a homossexualidade tenha sido discutida mais abertamente, em resposta, vemos que alguns grupos intolerantes, entre eles alguns “religiosos”, tentam propagar o preconceito.

Como sabemos, os homossexuais, durante muito tempo, viveram em uma zona de silenciamento ainda mais vigoroso que o de hoje. Como resposta a esse enclausuramento, cresceu, entre os homossexuais, a necessidade de conquistar seu espaço na sociedade, que lhes garantisse legitimidade de fala. Nesse movimento, desenvolveram uma mídia especializada com periódicos que serviram, não só, mas também para ampliar esse movimento de dar voz a esse grupo marginalizado. Entre essas mídias, destacaríamos o jornal “Lampião da Esquina”, que surgiu em 1978 no Rio de Janeiro, sendo o mais importante jornal homossexual da época, no sentido de que funcionou como uma forma de assumir-se e orgulhar-se da homossexualidade, isto é, de sair dos guetos; e a revista “G Magazine” que, mesmo tendo como chamariz a nudez de não-anônimos, também discursivizou regularmente sobre militância e sobre o assumir-se gay.

Sob outras condições de produção, e com outro tipo de circulação, hoje, existem mídias virtuais que também tematizam a homossexualidade, e que têm os gays como público-alvo. Uma delas é o “Superpride”, criado em 2008, e autointitulado o maior site gay do Brasil. Além de um lugar de materialização de discursos, olhamos para “Superpride” como um espaço “especializado” de “vozes” gays.

Este trabalho, cujo *corpus* é coletado em publicações de “Superpride”, se baseia teoricamente na perspectiva pecheuxiana de Análise de Discurso. A questão que move o trabalho é a discussão sobre a relação religião-homossexualidade tal como é discursivizada no blog. Embora não seja uma página específica sobre religião, entre suas colunas, com destaque para “Atitude”, encontramos, de forma recorrente, a discursivização da relação religião-homossexualidade.

Quando decidimos analisar o modo como um blog, cujo público-alvo é homossexual e masculino, se posiciona sobre a relação religião-homossexualidade, desconfiávamos de que o tema fosse tratado de uma forma que parecesse uma resposta à exclusão que muitos homossexuais experimentam em algumas instituições religiosas. Em outros termos, pensamos que haveria desidentificação ou contraidentificação (PÊCHEUX, 1975) em relação a uma Formação Discursiva

¹ Graduada em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia, campus IX.

² Doutorando em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco; professor assistente da Universidade do Estado da Bahia, campus IX. Bolsista PAC-Uneb.



religiosa, por assim dizer. Então, o que pensávamos era que ou o tema não teria muito espaço em “Superpride”, ou que seria tratado com ironia e/ou criticidade.

Neste trabalho, selecionamos três formulações com o objetivo de responder a seguinte pergunta: o que e como se discursiviza a relação religião-homossexualidade em “Superpride”? Como são apenas três, o que conseguimos mostrar aqui é apenas um demonstrativo de funcionamentos mais regulares no site no período entre 2008 e os primeiros meses de 2017.

(1) Sobre os direitos dos gays, [o Papa] Francisco afirma que *“qualquer pessoa, independentemente de sua orientação sexual, deve ser respeitada em sua dignidade e tratada com consideração”*. Para as pessoas com “orientação homossexual”, diz o documento, *é preciso que a igreja dê a “assistência que eles precisam para entender e levar plenamente com elas a vontade de Deus em suas vidas”*.

A formulação 1 trata de um posicionamento do Papa Francisco, que afirmou que as pessoas têm direitos e que esses direitos devem valer independente da sua sexualidade. Para o Papa, o papel da igreja, nesse cenário, é dar a assistência de que os homossexuais precisam, levando a palavra de Deus às suas vidas. O que o blog apresenta, sem maiores discussões, é justamente essa relação amistosa da igreja com os homossexuais.

Embora exista um efeito de acolhimento naquilo que o Papa afirma, percebemos que existe também um sentido diferente, desconsiderado pelo blog, sobretudo se atentarmos para o fragmento “é preciso que a Igreja dê a assistência que eles precisam para entender e levar com elas a vontade de Deus em suas vidas”. O substantivo “assistência” aponta-nos o sentido de que os homossexuais precisam de ajuda. Não se trata de quererem ou não, mas do que, supostamente, eles necessitam.

Essa “ajuda” ou assistência, então, tem que ver com alguma orientação para que os homossexuais possam não só compreender o que Deus deseja que façam de suas vidas, mas também praticar “plenamente” aquilo que seria o plano de Deus. A igreja cumpriria sua função propedêutica enquanto também pastora seu rebanho.

Pela remissão a sentidos anteriores, que um líder religioso católico afirme que é preciso que os homossexuais rejam suas vidas conforme a vontade de Deus aponta para o que seria a irregularidade segundo essa “Vontade”, isto é, a homossexualidade. O efeito de sentido (PÊCHEUX, 1969) que se (re)produz, numa remissão a discursos regulares anteriores, é de que a vontade de “Deus” é que os gays entendam que o correto seja a heterossexualidade, ou mesmo o celibato ou castidade³. E esse seria o papel da igreja ao “aceitar”: querer aproximá-los para que eles se submetam ao que é padrão para Deus. Essa problematização escapa ao blog, que apenas comemora o apoio do Papa. Notamos que a ideia que prevalece é um interesse camuflado por parte da igreja. Ou seja, a “assistência que a igreja oferece” está relacionada à salvação dos homossexuais, e, mais uma vez, verificamos que prevalece a homofobia.

³ Segundo Borrilo (2010, p. 59) “as pessoas homossexuais são chamadas à castidade pelas virtudes de autodomínio, educadores da liberdade interior [...] pelo apoio de uma amizade desinteressada, pela oração sacramental elas podem aproximar [...] da perfeição cristã”.



(2) O papa Francisco recentemente *deu uma declaração surpreendente de tolerância aos gays, mas o Catecismo, compêndio que expõe e lista os dogmas e doutrinas da igreja, considera a homossexualidade um pecado grave (cat. nº 2357). A fala de Francisco fez várias correntes do Vaticano desmenti-lo também, com os mais diferentes argumentos –desde que “ele não quis dizer isso” até “não é bem assim.*

Na formulação 2, discursiviza-se sobre a polêmica que existe, no interior da igreja, em relação à homossexualidade. Embora o Papa se declare tolerante, a tolerância não é compartilhada nem por todos os membros da igreja, tampouco é reafirmada em todos os textos religiosos.

Na formulação, destacamos a palavra “surpreendente”, porque ela remete à ideia de que o que se espera de um líder religioso é que ele venha sempre a se posicionar contra os homossexuais; o contrário, isto é, o apoio é que causa admiração. É uma “surpresa” o Papa se posicionar a favor, pois, como sabemos, existem discursos anteriores que cristalizam a expectativa de que um líder religioso, principalmente, o Papa, não seja favorável às causas gays, incompatíveis com as da Igreja.

Ainda em 02, percebemos que mais uma vez os líderes religiosos buscam justificar que a atitude do Papa é equivocada a partir de um “já dito”, no caso, um documento, de certa forma arcaico que “considera a homossexualidade um pecado”. Nesta formulação se explicita que a interpretação da homossexualidade é um ponto de polêmica no interior das igrejas, mas esse “conflito” não é discutido pelo blog, que apenas “notícia”.

(3) *Não é novidade que seminários do mundo todo estão cheios de padres que na realidade são gays frustrados, principalmente de gerações anteriores que viviam em um mundo onde sexualidade não podia ser questionada ou diferente da maioria.*

Notamos que a formulação 3 discursiviza sobre o efeito de um já dito que é marcado pela frase “não é novidade”. Discursiviza sobre a existência numerosa de homossexuais entre os clérigos, e o faz tomando tal afirmação como um já-sabido, como evidente (“Não é novidade”). Associa-se a homossexualidade entre os padres a circunstâncias históricas em que era ainda mais difícil viver a homossexualidade, pois, como sabemos, existem informações (GREEN; POLITO, 2006) que mostram que a homossexualidade era condenada pela sociedade, logo, o indivíduo tinha que reprimir seus desejos homossexuais.

Verificamos que o termo “frustração”, de certa forma, mostra, sendo colaborativo, o posicionamento do site, pois, como o site é destinado ao público gay, vê-se que eles compreendem sobre a frustração que os gays sofrem por não poderem viver a sexualidade. Dessa forma, não é a homossexualidade que causa “frustração”. Sabemos que vivê-la, nas CP que temos ainda hoje, é difícil, mas o que causa a “frustração” é a impossibilidade de vivê-la.

As formulações dispostas acima exemplificam os três funcionamentos mais regulares em “Superpride”. A primeira ilustra uma forma de discursivizar sobre religião e homossexualidade, que é discursivizar sobre medidas e atitudes religiosas que vão na direção contrária à incompatibilidade entre homossexuais e religião. Cria-se um efeito de maior respeito e tolerância no interior das igrejas. A segunda formulação exemplifica a polêmica que atravessa a relação religião-homossexualidade, tencionando o apoio e a rejeição como possibilidades no modo como a igreja se posiciona em relação



à homossexualidade. A terceira formulação representa uma outra maneira regular de “Superpride” discursivizar, isto é, apontar a existência de homossexuais entre os membros da própria igreja.

Ao contrário de nossa expectativa inicial, não encontramos, em “Superpride”, regularidades de discursos que critiquem a igreja, tampouco posicionamentos que apontem para a possibilidade de desidentificação com uma vida religiosa. Mesmo a contraidentificação é rara. O tom com que se discursiviza não tende à criticidade tampouco à ironia.

“Superpride” não evita o assunto religião-homossexualidade, mas tampouco costuma tomar posição. Funciona sobretudo como um jornal virtual que descreve acontecimentos, e que não se engaja, por exemplo, na formação crítica de seus leitores, diferente, segundo nossa leitura, do funcionamento de “Lampião da Esquina” e “G Magazine”, por exemplo.

REFERÊNCIAS

- BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- FRANÇA, Thiago Alves. *Memória, constituição e discursivização de G Magazine: a homofobia, o assumir-se gay e a militância*. Dissertação. (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2010.
- GREEN, James Naylor; POLITO, Ronald. *Frescos trópicos: fontes sobre homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2006.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2009. Edição original: 1975.
- _____. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora Unicamp, 2010. p. 59-158. Edição original: 1969.